



REDACTORES

DOMINGOS GUIMARÃES

JAO OTNIP



# A JOIA

REVISTA QUINZENA LITTERARIA

DEDICADA ÀS DAMAS VIMARANENSES



REDACÇÃO

RUA DAS LAMELLAS

N.º 37



NUMERO 5

GUIMARÃES, 6 DE NOVEMBRO DE 1887

1.ª SÉRIE

## SUMMARIO

*Chronica*, por Domingos Guimarães — *Carnet mondain* — *Convites* — *Sapho*, soneto, por Daniel d'Abreu Junior — *Noiva*, soneto, por Eduardo Coimbra — *Horas de melancolia*, poesia, por Vidal Oudinot — *A violeta*, poesia, por Azevedo Coutinho — *Quinzena Litteraria* — *Expediente*.

## CHRONICA

Desde pela manhã que andava pelo ar a alegria palpitante das bandeirolas. Velhas carroças, pesadas, antigas diligencias tilintavam chocalhos trazendo a todo o instante um movimento desusado, extraordinario, de gente. Comboios repetidos lançavam do seu enorme

ventre d' aço toda uma multidão ingenua, que conservava ainda ácerca das pessoas reaes uma noção bastante phantastica, deleitando-se em conceber sob esta designação personagens extranhos, que não comem como nós, que não bebem como nós, que são d'outra carne e d'outra substancia. Isto explica a maneira furiosa, como ficaram, de queixo caído, com o ar desalentado de quem acaba de passar por uma decepção terrivel quando, com o risco de ficarem atropelados, viram n'um grande *landau* descoberto, puxado a 4, á Daumont, levando em frente dois batedores de azul e branco, cujos rins batiam sobre a sella um *allegro* agi-

tado, n'uma attitude indolente, curvando a cabeça gentil e enviando para os grupos que a saudavam um sorriso que a faz encantadora, S. M. a Rainha, tendo ao lado seu augusto esposo do rosto sympathico, examinando o povo e levando cortezmente a mão ao seu capacete, trinta vezes em cada minuto, com um movimento authomatico como um simples mortal, muito burguez, muito prosaico.

Effectivamente imaginar um ente extranho, sobrenatural e olympico, vestido de purpura, rogaçando o amplo arminho do seu manto real, na cabeça o diadema da soberania, e encontrar de repente uma pessoa baixa, gorda e de cabello loiro — é para descorçoar.

\*

De todos os lados corria uma multidão processional, solemne, engravatada de branco, com luvas cinzento perola e *claque* das grandes festas. Equipagens particulares soberbos hanonerianos, trotando pesadamente, despejavam do seu bojo

*capitoné*, ondas de plumas, de flores e de setins. Dentro em breve a praça estava cheia e ruidosa. Os trajes pittorescos, alegres, de côres vivas das campesinas punham uma nota hilariante nas largas manchas escuras das casacas. O sol tombava em jorros d'uma luz penetrante e quente, que se quebrava, como uma chuva de flexas d'aço, de encontro ás facetas das pedras preciosas, dos broches, dos brincos e das pulseiras resaltando em reflexos admiraveis, que enchiam a praça de constellações multicores. Por toda a parte o luxo entoando a sua symphonia heroica em oiro-maior! Nos parapeitos dos predios engrinaldados de damascos e flores que a praça esquadrava, ostentava carnações radiosas de mulheres adoraveis. O pavilhão de estylo oriental, rendilhado a arabescos mouriscos atrava para o azul nitido a sua cupula de oiro e abria de par em par a tribuna real, mostrando o deslumbramente interior, as suas columnas elegantissimas, a sua mobilia de

setim e de oiro; as suas tapeçarias deslumbrantes em que destacava intensamente o grupo real; no centro S. M. a Rainha e a Princeza em que se fixavam todos os olhares, todos os binoculos, todas as curiosidades, e aos lados, a mão sobre o espaldar da cadeira, em pé, grave e sereno El-Rei e os principes esfecendo as guias dos seus bigodes loiros e atrevidos.

As bandas esperavam de instrumentos em punho o momento solemne. E quasi que uma especie de anciedade, uma expressão indifinivel que se observa em todos os rostos na aproximação de um acontecimento grave, dava a todos os espectadores uma attitude especial que decopava a praça, que a vitalisava, que a impregnava de commoção, de vida, de significação.

De subito, S. M. acompanhado do principe real desce as escadas, as bandas de musica entoam o hymno, enormes salvas reaes atroam os ares algoando de fumo a pureza do azul, e um movimento formida-

vel agita todo aquelle immenso mar de gente. Os homens endireitam-se bruscamente, de costas para o pavilhão e uma agitação febril de lenços sacudidos, de binoculos assustados para o mesmo ponto, de *clagues* tiradas da cabeça e reduzidos á sua outra configuração e de petaladas de flores lançadas n'uma chuva deliciosa pelas mãos brancas e nuas de Vossencias fazia oscillar todos os corpos, corria a turba como um vento invisivel. E quando a bandeira nacional se descerrou e appareceu decotando a luminosidade do ether na musculatura de um gigante sereno e grande, o vulto atheletico do vencedor d'Ismario, tendo nos labios como que a esvoçar um sorriso de reconhecimento, e no olhar as irradiações de um patriotismo que vem até nós, um estremeamento de divino gozo correu todos os corpos, um fremito de jubilo galvanisou todas as almas, e então no meio de um silencio religioso avultou a voz quente, comovida do rei que dizia ao heroe

que os portuguezes d'hontem eram os portuguezes d'hoje. Divinamente bello, profundamente impressionador! E no entanto nas tribunas, as senhoras, de pé, para saudar a primeira de entre ellas, enchiam a frente do pavilhão de côres magnificas, destacando n'uma projecção vigorosa do fundo azul do forro. A luz banhava em ondas os hombros mais redondos e as gargantes mais esculpturacs, os braços mais torneados e as *toilettes* mais esplendidos. E então um bello e sumptuoso cortejo apparecia, bordava a multidão de bustos constellados de crachás, de bordados, de verdadeiras correntes de Laurentins, feitas de diamantes e passavam ante o pavilhão real, estandartes abatidos, em aclamações ruidosas, entusiasticas, dirigidas especialmente á Rainha, que com essa suprema elegancia que trahiria a sua estirpe sob os mais miseraveis andrajos, envolvia a multidão inteira n'um olhar e n'um sorriso de agradecimento e fazia em seguida uma d'essas me-

suras admiraveis, difficilimas, que parecem ser o segredo dos organismos creados no ambiente das cortes e que representam um verdadeiro esforço muscular, obedecendo ao qual o corpo parece immergir no seu involucro de setins, de rendas e de grinaldas, para surgir de novo lentamente, tendo saudado n'um segundo uma multidão inteira.

\*

E sem fallar a vossencias no desfilar triumphal do cortejo real debaixo de nuvens de flores, do volitar de pombas brancas, os vivas, os bravos, o estalar dos foguetes, e o estrondear das phylarmonicas, sem me referir ao bilhantismo do *Te-Deum*, ao esplendor da recepção, ás camponezas cantando versos mimosos, dos delicados brindes á familia real, entre os quaes avulta o do jornal unico *A Apotheose*, entregue a S.S. MM. e AA. n'uma rica pasta de setim azul e branco, por uma gentilissima creança vestida a capricho, esquecendo mesmo a bri-

lhante cerimonia da inauguração das escolas professionaes, tão sympathica e tão bella, e os opulentos banquetes, eu páro extactivo, boquiaberto, ante o enorme deslumbramento dasi illuminações que me transportam por instantes ao paiz maravilhoso do sonho, que me ferem o espirito com os esplendores maravilhosos da prôsa de Hoffmann. Imaginem vossencias a cidade desdobrando um grande novello de luz, cercada por uma aureola de chamas côr de lilaz e violeta entre-cruzando as suas linhas de fogo, estendendo seus immensos tuneis de luz com um não sei quê de phantastico, um não sei quê dos contos das mil e uma noites que fazem transportar o nosso espirito ao pleno Oriente, ás margens encantadoras do Bosphoro. E a Penha, ao longe, similhando uma legião de astros atirados para alli ao acaso, para brilharem como enormes diamantes na tunica escura da noite. Esplendidamente bello, soberanamente ferico.

\*

E com os olhos ainda cheios de luz, com os ouvidos ainda cheios de harmonias e com o espirito ainda cheio de um enthusiasmo febricitante que me inspirava esta festa, a mais brilhante de certo a que tenho assistido em toda a minha vida, eu atravessava o Tournal ás duas da noite, quando ouvi a dois sujeitos parados que conversavam baixo, dizer:

— O que nos hade valer, é que d'aqui a quinze dias temos a vinda do Arcebispo! Que já por ahi se diz que tambem haverá cortejo!

N'esse momento eu vinha de assistir á ultima parte dos festejos, morto de somno e de cançasso. E não obstante sentir bem que n'esta phrase ia a expressão do grande enthusiasmo e do grande prazer do povo pelos espectaculos vistosos, esta idéa da approximação de uma outra festa produziu em mim o mesmo effeito que a bordo produz o encontro d'uma pessoa enjoada, quando tambem estamos com o enjôo, o que ainda mais excita o mal.

Ora eu vinha morto de somno... Não pude, pois, reprimir um bocejo, um longo e demorado bocejo, não obstante amar muito os hymnos e mais os bellos panninhos azues e brancos diante dos quaes meus avós já ficaram pasmados e que ainda hão de causar o delirio dos meus patrioticos tartaranetos.

\*

Alguem notou a falta de expansão em vivas. Berrou-se pouco, dizem. E o motivo foi porque a festança teve bandeiras e hymnos e illuminações deslumbrantes, e cortejos a mais, que deixaram a cidade profundamente absorta... O nosso enthusiasmo em vivas manifesta-se pelas gargantas patrioticas quando os olhos vêem no dia da chegada do sr. Franco os mesmos postes que viu no dia da chegada do sr. Peito. D'esta vez appareceu tudo novo, a cidade foi surpreendida á queima roupa com bandeirolas que ainda não tinham servido, e com postes idem, e d'ahi resultou passar em admiração o tempo que

se havia de gastar em gritaria! E os culpados d'isso, os unicos culpados são apenas os srs. decoradores, que sabendo perfeitamente que a cidade está nas melhores disposições com panninhos azues e brancos comprados em 72, lhe foram apresentar panninhos de 87 que ella mal conhecia de vista!

E ainda fallam que não houve vivas!...

\*

E estes dias, por entre os ultimos rumores das festas, do entoar dos hymnos, do esplendor da recepção, do brilhantismo dos cortejos reaes que caminhavam como bellas resurreições d'um passado de luxuosa phantasia, do rumor excitante dos jantares, e do tilintar das taças de Champagne erguidas em brindes rubros de entusiasmo, por entre o *brouhaha* d'uma cidade que bebe bem e que está gozando uma bella festa, eu esqueci-me de que era a ultima chronica que eu escrevia para vossencias, porque que chamam de longe, da Lusa Athenas, os

meus deveres de estudante, os meus pobres compendios encadernados no pó de tres longos mezes e a terrivel cabra que echoa já nos meus pobres ouvidos como um plangente dobre de finados... Minhas senhoras, um creado de vossencias...

DOMINGOS GUIMARÃES.

## CARNET MONDAIN

Desde o dia 26 de outubro até ao dia 3 de novembro, fizeram annos as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup>:

Dia 26, D. Emilia de Freitas Aguiar Vieira.

Dia 31, D. Custodia Margarida Ribeiro de Faria.

Idem, D. Zeferina Esmalia de Jesus Fernandes.

Novembro, 3, D. Maria Emilia Alves.

\*

Desde o dia 6 até ao dia 19 do corrente fazem annos as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup>:

Dia 6, D. Stella Branca de Noronha.

Dia 14, D. Olivia Elvira Leão da Cruz Almeida.

Dia 19, D. Maria Anna de Mello Sampaio.

\*

Recebemos e agradecemos a visita dos nossos bons amigos José Arnaldo Noguei-

ra Molarinho, distincto gravador do Porto, e Rodrigo Coutinho, da Povoia de Lanhoso.

Fomos egualmente visitados pelos nossos estimabilissimos amigos e colaboradores: Dr. Pereira Caldas, Dr. Braulio Caldas, Firmino Pereira, P.<sup>o</sup> Francisco José Patricio, Francisco Carrelhas, João Pinheiro Chagas e A. Leão Martins.

\*

A continuar as suas lides academicas, partiram para Coimbra os nossos amigos Domingos Guimarães, Dr. Braulio Caldas e Anthero de Figueiredo; e para o Porto o nosso conterraneo Antonio Leão Martins.

## CONVITES

Agradecemos reconhecidos o com que nos distinguiram para assistirmos ao jantar da conferencia pedagogica, á secção litteraria do Club Commercial Vimaranesense, ao cortejo civico, á cerimonia da inauguração das escolas professionaes, ao *lunch* offerecido pela cidade aos nossos collegas que acompanhavam S.S. MM., ao cortejo que foi cumprimentar a familia real na sua passagem na Trofa.

## SAPHO

*(José M. Esteva)*

A TI

Espassa a côma, pallido o semblante,  
em desalinho a branca vestidura,  
cahido e mal sujeito na cintura  
o leve veu de tulle fluctuante;

incerto, vago o olhar e delirante,  
o passo firme, imperial postura,  
na granítica rocha sobre a altura  
Sapho apparece—desgraçada amante!

Para o ceu crystallino a vista alçada,  
as ondas faz vibrar de sua lyra,  
leva-lhe o vento a voz apaixonada...

Por seu ingrato Faon., suspira,  
e, orgulhosa de o amar, bem que olvidada,  
se lança ao mar e, com amál-o, expira...

Foz do Douro

DANIEL d'ABREU JUNIOR.

## NOIVA

*(Posthumo)**(A DOMINGOS GUIMARÃES)*

D'aqui por dois dias  
Vae ella casar.  
Que sans alegrias!  
Que rosas sem par!

As noites vão frias,  
Vae claro o luar...  
Ha luz, cotovias,  
Estrellas no ar!

Suavissima agora,  
Dormindo descóra  
Talvez sonhe já...

Que céu doce e brando!  
A noiva sonhando,  
Que não sonhará!

Lameira, junho, 1884

EDUARDO COIMBRA.

## HORAS DE MELANCHOLIA

*(A Silva Ferraz)*

Já não me recordava do passado  
 Tão negro como a sua trança calma,  
 Porque o seu terno olhar immaculado  
 Tinha lançado a luz n'esta minh'alma.

Mas a morte sombria e incomprehensivel,  
 Ceifou essa existencia sonhadora...  
 Uma creança ideal, indefinivel  
 Que era a luz, para mim, mais redemptora!...

E agora o meu futuro negro e frio,  
 Mais escuro que a sua trança calma,  
 Vae-me appar'cendo ao longe asp'ro e sombrio,  
 Como a lançar a dor n'esta minha'alma...

Porto, 1887.

VIDAL OUDINOT.

## A VIOLETA

Meiga violeta que do valle emerges,  
 Saudosa e casta e bem modesta flor,  
 Acolhe os beijos da ridente aurora,  
 Recebe o pranto que me causa a dor.

E se essa aurora vir, florinha virgem,  
 Que o desalento dominou teu ser,  
 Diz'-lhe que sentes de meu peito as maguas  
 D'amor constante n'um atroz soffrer.

Diz'-lhe, florinha, que d'um seu sorriso  
 Me vem a esp'rança que me alenta a vida ;  
 E que esta chamma, que me abraza o peito  
 Não torne, ingrata, em illusão perdida.

Povoa do Lanhoso

AZEVEDO COUTINHO.

## QUINZENA LITTERARIA

ÆTERNUM VALE, (*Na morte de sua mãe*). — Cofre delicioso em que Manuel de Moura guarda com os cuidados de um avaro cinco sonetos delicadissimos, cinco joias dardelantes dos mais radiosos fulgores, cinco brilhantes da mais pura agua que elle burilou docemente na grande tela de um coração de filho com os primores olympios do genio, com o pulso vigoroso de um artista originalissimo cheio de talento e de instinto, verdadeira organização de poeta moderno. Mas Manuel de Moura, como amigo presado, abriu para com a *Joia*, uma excepção de que nos, sentimos orgulhosos, e enviou-nos, envolvido n'uma dedicatória amabilissima, um dos cincoenta exemplares unicos que tirou do seu adoravel poemeto, ao qual, que nos desculpe o poeta, não podemos resistir de arrancar uma perola scintillantissima e offerecel-a ás nossas gentilissimas leitoras para adorno dos seus cabellos loiros como fios de sol,

ou negros como uma noite polar. Digam-nos depois se ha coisa mais idealmente famosa, mais sentida que estes quatorze versos :

## AS SANTAS

Oh mães doces, mães ternas, mães piedo-  
oh almas de luar e de açucenas! <sup>sas,</sup>  
Ceus constellados de affeições radiosas!  
Amphoras santas de perfumes plenas!

Mães! sois vós que de beijos e de rosas  
teceis o ninho aos filhos, mães serenas!  
e os seguis pelo espaço, lacrimosas,  
quando elles sôbem, desferindo as pen-  
nas...

Alma de mãe — uma caricia alada!  
Alma de mãe — intérima alvorada!  
Alma de mãe — todo um florão de estrellas!

Ouvi! ouvi! Quando ellas vos morrerem,  
e o ultimo adeus n'um beijo nos dissérem,  
oh almas orphans! morrei vós com ellas...

O CREADOR, *o homem e a natureza*. — O nosso amigo e collaborador Francisco de Bourbon Peixoto (Lindoso) enviou-nos a dissertação que apresentou na aula de philosophia. Francisco Bourbon manifestou n'ella um crente sincero das doutrinas sublimes do pallido philosopho

da Galilea, e defendendo a immortalidade da alma deixa-se arrastar pela sua bella alma de rapaz aavez do immenso campo do Incognecível, n'uns arroubamentos de poeta, n'un oceano de harmonias ceculas, em arabescos phantasticos de um estylo doce, fulgurante de imagens radiosas, sereno ás vezes como um pedaço do azul de Italia, faiscentes outras como o brilho diamantino das lascas de algum astro. Enviamos-lhe o nosso parabem pelo seu primeiro trabalho, que elle na delicadeza de um filho amante dedica a sua ex.<sup>ma</sup> Mãe, e esperamos novas manifestações do seu bello talento.

D. G.

## EXPEDIENTE

Participamos aos nossos estimabilissimos assignantes de fóra que não nos enviaram a importancia das suas assignaturas que vamos entregar ao correio os recibos para cobrar. Avisamos desde já aquelles que não satisfizerem que lhes será immediatamente suspensa a remessa do jornal. Toda a correspondência deve ser dirigida á Rua das Lamellas, 37.